



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

11 e 12 de março de 2023

DC Revista, AN Revista e Santa Revista (11.03 – 17.03.2023)

Editorial

“Viva as mulheres!”

Viva as mulheres! / Letícia Cesarino / Professora / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

Viva as **mulheres!**

A semana que passou foi marcada pelo Dia Internacional da Mulher, na última quarta-feira, dia 8 de março. Momento importante de reflexão sobre o quanto ainda precisamos avançar como sociedade nos mais diversos aspectos relacionados à igualdade de gênero. E um chocante cenário precisa ser contido o mais rapidamente possível: o da violência contra as mulheres.

O tema é destaque desta edição. Reportagem de Luana Amorim, publicada nas páginas 22 a 24, mostra que enfrentamos uma crescente onda de violência doméstica no nosso Estado. Em 2022, mais de 89 mil boletins de ocorrências foram registrados em SC, o que significa uma absurda e inacreditável média de mais de 10 casos a cada hora nas cidades catarinenses.

No ano que a Lei Maria da Penha completa 17 anos e que há oito o homicídio de mulheres é tipificado como crime hediondo, vemos uma escalada de episódios de violência. De acordo com a pesquisa “Visível e Invisível – a vitimização de mulheres no Brasil”, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e do Datafolha, em 2022, a cada minuto 35 mulheres foram agredidas física ou verbalmente no Brasil em 2022.

Especialistas avaliam números, enquanto vítimas tentam buscar caminhos para superar traumas. A reportagem identifica os diferentes tipos de violência e mostra as ferramentas que temos em mãos para combater as agressões domésticas. Neste momento de reflexão sobre o empoderamento

feminino, cabe a todos nós, como sociedade organizada, por meio da educação e da denúncia, junto a ações dos agentes públicos, enfrentar de verdade este mal que gera traumas, ceifa vidas e destrói famílias. Chega de violência. E viva as mulheres!



Outros destaques desta edição: reportagem de Jean Laurindo, nas páginas 4 e 5, mostra por que o azeite de oliva virou aposta de produtores catarinenses em diversas regiões do Estado.

Como forma de celebrar os 172 anos de fundação de Joinville, Sabrina Quariniri conta as histórias que cercam a Rua das Palmeiras, um dos principais cartões-postais da maior cidade do Estado na reportagem publicada nas páginas 8 a 13, junto de um infográfico repleto de detalhes e curiosidades das imponentes árvores que encantam joinvilenses e visitantes.

Tem ainda uma entrevista exclusiva com a antropóloga Letícia Cesarino, pesquisadora e professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O repórter Paulo Batistella conversou com ela, a única catarinense que integra um grupo de trabalho do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania de combate ao discurso de ódio e ao extremismo.

Fique por dentro do que acontece no nosso Estado com as informações exclusivas e as análises do melhor time de colunistas do Estado.

Capa e Economia

“Azeite de oliva vira aposta de produtores”

Azeite de oliva vira aposta de produtores / Azeitonas / Oliveiras / Olivoturismo /
Alberto Fontanella Brighenti / Professor de Agronomia / Universidade Federal de
Santa Catarina / UFSC

ECONOMIA

Entenda por que o azeite de oliva virou aposta de produtores catarinenses

PÁGINAS 4 e 5



>> ECONOMIA | AGRICULTURA

Equipe atua na colheita da azeitona, em propriedade que fica em Rancho Queimado, na Grande Florianópolis

AZEITE DE OLIVA VIRA APOSTA DE PRODUTORES

Cultivo de oliveiras com foco na produção de óleo ressurgiu como atividade com potencial no Estado, já que 99% do volume comercializado no país é importado

JEAN LAURINDO
Jean.laurindo@nsc.com.br



O que me empolga realmente é que estamos tendo azeites de qualidade. São produtores muito dedicados, que estão envolvidos no processo.

ANA BELOTO, azeitóloga e sommelière de azeites de oliva

O cultivo de oliveiras com foco na produção de azeite de oliva tem ganhado força e se tornou uma aposta importante para um grupo de produtores de Santa Catarina. O Brasil é considerado um mercado importante de consumidores de azeite, mas mais de 99% do volume comercializado no país é importado. Por isso, a atividade é vista com potencial pelo setor agrícola do Estado.

Segundo a Epagri, o Estado tem por volta de cinco produtores com atuação comercial, em cidades como Campo Erê, Campos Novos e Rancho Queimado. Além disso, há outras propriedades que cultivam oliveiras ainda em caráter experimental. Basicamente todas as áreas têm foco na extração do azeite extravirgem, considerado o tipo de maior qualidade, e não na produção de azeitona em conserva. Números extraordinários apontam a existência de cerca de 80 hectares destinados ao cultivo de oliveiras em Santa Catarina.

Atualmente, o Rio Grande do Sul é o

maior produtor do país e responde por cerca de 75% de tudo que é fabricado no Brasil. A região da Serra da Mantiqueira, entre Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, aparece em seguida como outra área que se destaca na produção nacional de azeite de oliva. Mas Santa Catarina já começa a ocupar espaço entre os principais estados produtores, e se inspira na experiência gaúcha para buscar o mesmo sucesso.

O engenheiro agrônomo Jester Macedo e a esposa Patrícia Macedo são um exemplo de produtores que apostam no potencial do azeite de oliva catarinense. Em busca de uma atividade que pudesse dar aproveitamento às terras da família, na localidade de Taquaras, a 15 quilômetros do Centro de Rancho Queimado, na Grande Florianópolis, o casal teve a ideia após assistir a uma reportagem de TV a experiência bem-sucedida da produção de azeite de oliva no Rio Grande do Sul.

Macedo fez contato com um produtor gaúcho, visitou a propriedade em busca de dicas e voltou de lá com as primeiras 700 mudas de oliveiras encomendadas. O primeiro plantio ocorreu em 2011, mas as oliveiras demoram pelo menos quatro anos para

começar a dar frutos. A primeira safra comercial ocorreu em 2019. Hoje, a propriedade tem cerca de 3 mil pés da planta em uma área cultivada de 10 hectares, além de uma máquina industrial que extrai o óleo das azeitonas.

Nesta semana, o casal concluiu a colheita da quinta safra. A expectativa é de chegar a 10 toneladas de azeitonas colhidas e 1 mil litros de azeite produzidos. O resultado representa uma alta de 40% em relação ao ano anterior.

Macedo acredita que ocorre no ramo do azeite de oliva um fenômeno parecido ao registrado com as cervejas artesanais e o vinho, em que o consumidor passou a conhecer mais os processos de fabricação, qualificar o paladar e optar por marcas e variedades de mais qualidade.

– É completamente possível ter um produto de excelente qualidade [em Santa Catarina], para competir com qualquer azeite do mundo. Isso mostra o resultado que os azeites brasileiros têm obtido em concursos internacionais, inclusive o nosso. A tendência é que cada vez mais se expanda essa cultura aqui em SC e no Brasil – afirma.

Turismo de oliveiras

O olival do casal Jester e Patrícia Macedo também tem apostado em outra área derivada do cultivo de azeitonas: o chamado olivoturismo. Aos fins de semana, os produtores abrem a agenda para receber visitantes interessados em conhecer como são produzidos os azeites de oliva e degustar as variedades feitas em Rancho Queimado. Turmas de até 25 pessoas passam o dia na propriedade assistindo à colheita, à extração do óleo e conhecendo as diferenças de sabores e características.

O resultado já faz os empreendedores até mesmo planejarem a construção de um novo espaço voltado à visitação.

– Tem sido uma experiência única. Os visitantes saem surpreendidos com esse mundo do azeite. É uma oportunidade de disseminar o conhecimento sobre o universo do azeite que é muito amplo e pouco conhecido. Com essas visitas, conseguimos também desmistificar muitos mitos sobre o azeite de oliva extravirgem – conta Patrícia, que também é sommelière.

O engenheiro agrônomo e professor

de Agronomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Alberto Fontanella Brighenti, compara o perfil dos apreciadores de azeite com o dos amantes de vinhos. Nos dois casos, os consumidores gostam de conhecer melhor os detalhes da produção e viver experiências relacionadas aos itens gastronômicos. Mais do que isso, entre os produtores a aposta é de que essa estratégia também ajuda a educar o consumidor, mostrando as diferenças entre os tipos de azeites e formando novos entusiastas dos produtos.

– Há potencial também no turismo. Uma vez que essa cultura se estabeleça, você começa a “educar” o consumidor. Falei com um produtor esses dias e ele comentou: “Meu azeite é caro, mas depois que as pessoas começam a provar, elas não voltam para outro”. Então, imagino que o Brasil, pelas limitações climáticas, nunca vai ser igual a Portugal, à Espanha, que é a maior produtora do mundo, em termos de área plantada, mas a gente vai conseguir se destacar em uma linha mais qualitativa.



Foco dos produtores é a extração do azeite extravirgem, considerado o tipo de maior qualidade



O engenheiro agrônomo Jester Macedo e a esposa Patrícia Macedo apostam no potencial do azeite de oliva catarinense

SC retoma investida na produção de azeite

A tentativa de cultivo de oliveiras em SC não é exatamente uma novidade. Em 2005, um projeto liderado pela Epagri desenvolveu pesquisas e testes para a nova atividade agrícola no Estado. A iniciativa, no entanto, estagnou depois que alguns participantes tiveram resultados abaixo do esperado nos primeiros anos. Nos últimos 10 anos, novos produtores iniciaram uma nova investida no ramo do azeite.

O produtor Marcos Matias Roman, de Campo Erê, começou a cultivar oliveiras justamente na época dos primeiros testes, em 2007. Foi nos últimos anos, no entanto, que ele passou a investir com mais esperança na atividade. Em 2014, fez o primeiro plantio e, dois anos mais tarde, o segundo. Investiu em um equipamento para produzir o óleo – um dos requisitos para que o

azeite seja classificado como extravirgem e tenha frescor é que a extração ocorra após a colheita das azeitonas.

Atualmente, Roman tem 18 hectares de oliveiras. As duas primeiras safras comerciais ocorreram em 2022 e 2023. Em cada um destes dois anos, produziu cerca de 1,1 mil litros de azeite de oliva. Ele considera que a atividade tem potencial no Estado, e diz que a produtividade por área cultivada registrada em testes chegou a ser até 10 vezes maior do que na Europa. No entanto, pondera que é preciso de apoio do poder público, com profissionais como bioquímicos e agrônomos, para avançar e repetir o sucesso de outras espécies.

– Santa Catarina não produzia nada de maçã há 30 anos. Hoje a maçã de SC é exportada – compara.

Desafios para o cultivo em SC

O clima é um fator preponderante para o sucesso do cultivo de oliveiras. A maior parte das regiões do Estado não é fria o suficiente para que as plantas floresçam. Na Serra, a região catarinense em que o inverno é mais generoso, é a geada que às vezes se torna um problema, por danificar os pés nos primeiros anos de vida.

Com isso, a solução passou a ser optar por regiões intermediárias, onde há microclimas frios, mas risco menor de problemas meteorológicos como geada e granizo.

O engenheiro agrônomo e professor da UFSC, Alberto Fontanella Brighenti, participa de um projeto liderado pela Embrapa

que busca justamente mapear quais as dificuldades para o cultivo em SC e apresentar soluções. A iniciativa também pretende coletar amostras dos azeites produzidos em SC e fazer avaliações sensoriais, mapeando as características de cada rolo em quesitos como cor, aroma e sabor:

– A ideia é começar um trabalho para tentar entender melhor questões como clima e solo, onde tem mais dificuldade e como se pode resolver esses problemas.

O pesquisador da Epagri, Eduardo Brugnara, diz que SC prima por produzir um azeite de qualidade, o que garante melhores valores de venda.

COMO É FEITO O AZEITE DE OLIVA

- O plantio de oliveiras em SC normalmente é feito em outubro, mês com menor incidência de chuvas. A partir daí, a planta inicia uma fase de crescimento que pode durar de 10 a 12 anos. A partir do terceiro ano, no entanto, ela já começa a produzir frutos.
- A planta floresce no inverno, a partir de julho, e amadurece até fevereiro - período em que inicia a colheita.
- Para produzir um litro de azeite de oliva, são necessários por volta de 10 quilos de azeitonas. Em geral, as espécies voltadas à extração de azeite são menores do que as destinadas a consumo em conserva. No mundo, há cerca de 2 mil variedades diferentes de azeitonas, o que interfere também no sabor dos azeites.
- Na propriedade de Jester e Patrícia, os frutos são colhidos de forma manual, apenas com o auxílio de derrideadeiras, que ajudam a “chacoalhar” os pés para coletar as azeitonas.
- Em seguida, as azeitonas são recolhidas e levadas para o “lagar” – nome dado ao espaço em que são processadas para a extração do azeite. O equipamento executa basicamente três etapas: a trituração das azeitonas, a passagem por uma espécie de batadeira horizontal e a centrifugação, que ajuda a separar o óleo de eventuais pedaços sólidos restantes dos frutos.
- Na sequência, o azeite é transferido a tanques para decantação e, posteriormente, para armazenagem. O produto é envasado em garrafas de vidro escuras, importantes para proteger da luminosidade e preservar as características originais do líquido.

DC Revista, AN Revista e Santa Revista (11.03 – 17.03.2023)

Cotidiano

“Testemunhas da história de Joinville”

Testemunhas da história de Joinville / Rua das Palmeiras / Mayara Krasinsk

Caddah / Departamento de Botânica / UFSC

Capa DC

HISTÓRIA
Conheça as curiosidades da
Rua das Palmeiras, um dos
cartões-postais de Joinville
PÁGINAS 8 a 13

Capa AN



TESTEMUNHAS DA HISTÓRIA DE JOINVILLE

Na semana em que a cidade celebra 172 anos de fundação, reportagem conta a história cheia de curiosidades, nomes famosos, orgulho e pertencimento da Rua das Palmeiras, cartão-postal de Joinville cuja trajetória se mistura com a do próprio município

SABRINA QUARINIRI
sabrina.quariniri@nsc.com.br

De jardim dos príncipes a cartão-postal da cidade, a Rua das Palmeiras ganhou protagonismo próprio. São tantos os personagens e acontecimentos que cruzaram os cerca de 200 metros, que torna-se possível contar a história de Joinville a partir da alameda. Ao longo de 150 anos, a via atravessou por entre épocas e até trocou de nome, mas se manteve com pequenas alterações. Por outro lado, a cidade mudou muito e, testemunhas da ação do tempo, 39 das 56 palmeiras plantadas originalmente permanecem vivas e foram espectadoras do desenvolvimento econômico e populacional da então Colônia Dona Francisca, que celebra o 172º aniversário no último dia 9 de março.

Inicialmente, a via foi idealizada para ser o quintal da mansão construída pelo engenheiro francês Frédéric Brüstlein (onde hoje funciona o Museu Nacional de Imigração e Colonização, na Rua Rio Branco), administrador das terras do príncipe e da princesa de Joinville. Mas, com o passar das décadas, tornou-se independente e, de forma natural, incorporou a função de jardim para todo joinvilense.

Da região central, acompanhou a abertura de ruas adjacentes no século 19, o início de tradicionais comércios, a troca das carroças pelos veículos a motor e foi palco de grandes eventos. Nem os gigantescos prédios construídos no entorno foram capazes de ofuscar o seu esplendor. Por fim, como cita o historiador Dilney Cunha, incorporou-se definitivamente ao cotidiano e ao imaginário dos moradores como paisagem icônica, conforme representado em cartões-postais da época.

“PARTOUT LE COCOTIER!”

Tudo começou em 1867, quando Frédéric Brüstlein, administrador das terras do príncipe François Ferdinand (da família tradicional francesa Orléans) e da princesa Francisca Carolina (filha do imperador Dom Pedro I), mandou construir o palacete nas terras que pertenciam aos membros

da família real, doadas como dote por Dom Pedro I. O imóvel seria a casa e escritório do representante do casal real, de onde tocariam os negócios da realza. A mansão foi erguida também com a intenção de abrigar o casal de príncipes, em caso de uma eventual visita.

A Maison Joinville, assim intitulada por Frédéric, teve as obras concluídas em novembro de 1870. Enquanto a construção era erguida, o procurador já havia projetado o caminho de acesso ao casarão, a atual Rua das Palmeiras. E, quatro anos antes, a pedido dele, o então diretor da Colônia Dona Francisca, Johann Otto Louis Niemeyer, viajou ao Rio de Janeiro para buscar as sementes de palmeiras imperiais, doadas por Dom João VI.

No livro “Ruas de Joinville”, a jornalista Maria Cristina Dias traz o registro da historiadora Elly Herkenhoff, que cita que, ao pisar em solo brasileiro pela primeira vez, em 1838, o príncipe de Joinville teria exclamado: “Partout le cocotier, mon arbre favori” (“Por toda parte o coqueiro, minha árvore favorita”, em tradução livre). Por este motivo, a planta teria sido a escolhida para embelezar o jardim da realza. No entanto, o significado é ainda mais nobre: à época, apenas famílias com reconhecimento principesco eram presenteadas com palmeiras do imperador.

As sementes da palmeira real chegaram a Joinville em junho de 1867 e foram tratadas até atingirem o ponto de replantio. Segundo a jornalista, no entanto, a data exata da transferência para o “quintal” da família real é alvo de controvérsias. Em uma carta enviada à firma Edouard Bocher, que administrava os bens da família Orléans em Paris, Frédéric dá a entender que o plantio foi no final de 1873, mas um membro da tradicional família Trinks teria dito ao historiador Adolfo Bernardo Schneider que as palmeiras foram plantadas em abril de 1971.

O que se tem de concreto, aponta Maria Cristina, é que em 1873 as 56 palmeiras já estavam todas plantadas no caminho que direcionava à Maison Joinville. Conforme registro que consta no folheto Blumenau em Cadernos, de 1962, a despesa com a plantação das mudas foi de 50 mil réis.



De jardim dos príncipes a cartão-postal da cidade, a Rua das Palmeiras ganhou protagonismo próprio

FOTOS TIAGO GILZONI

De realeza para realeza

A história narra que o então diretor da Colônia Dona Francisca, Louis Niemeyer, foi o encarregado de buscar as sementes de palmeiras no Rio de Janeiro. Camila Oliveira, condutora de visitação do Jardim Botânico do Rio, conta que a doação foi autorizada por Dom João VI e esta era a forma com que o imperador utilizava para homenagear os grandes aristocratas do império. Quanto mais palmeiras se tinha, maior era o poder dos que detinham as plantas.

Foi, inclusive, “O Clemente” que plantou a primeira muda da espécie *Roystonea Oleracea* em 1809, chamada por ele mesmo como palmeira imperial e rebatizada anos mais tarde como Palma Mater. A planta morreu em 1972, aos 163 anos. Todas as outras que existem são filhas, netas, bisnetas e tataranetas desta original, conforme cita Camila.

O histórico corredor composto pela aléia de palmeiras imperiais do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que inspirou a Rua das Palmeiras de Joinville, foi formado apenas em 1840, e também foi constituído por descendentes da Palma Mater.

O terreno onde atualmente abriga o Jardim Botânico era uma fazenda de cana-de-açúcar, por volta de 1576. Quando a família imperial pisou em solo brasileiro, em 1808, Dom João tomou posse da fazenda e a transformou, inicialmente, em uma fábrica de pólvora, já que veio ao Brasil fugindo de Napoleão Bonaparte, que ameaçava invadir Portugal.

– A fábrica de pólvora foi desativada em 1831. E, depois, foi transformada em um jardim de aclimação de espécies da família real. Eles traziam sementes e especiarias, principalmente da Ásia, como camélia, mangueira e jaca, para fazer experimentos botânicos e aclimatar essas espécies aqui. Assim, foi dado início ao Jardim Botânico que conhecemos hoje – explica a condutora de visitação do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

A guia de visitação diz que, nos arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, não está documentada esta doação de mudas para Joinville. No entanto, como a Palma Mater foi a primeira da espécie a ser plantada no país, com base em datas, é possível afirmar que houve, de fato, esta doação.

Atualmente, o local ainda recebe pedidos de mudas de centros de distribuição e instituições que fazem conservação, além de postos militares como Marinha e Exército, por exemplo. Toda solicitação passa por análise.

>> SEGUE >>



BIFURCAÇÃO, ÁGUA DO MAR E SAMBAQUIS

Uma personagem que vive na Rua das Palmeiras desde que a via ainda era jardim e se sobressai às outras é a 51ª, plantada por Frédéric Brüstlein na década de 1870. Ela fica na segunda posição, à direita do Museu Nacional de Imigração e Colonização, e chama a atenção por ser bifurcada – com uma divisão que forma “dois topos”.

Fato raro, várias foram as teorias e mitos criados para explicar a causa desta condição da planta. Uns dizem que alguém teria dado uma machadada no pé da palmeira e a partido ao meio, outros, que ela foi dividida por um raio. Para o paisagista Jordi Castan, a planta, do ponto de vista botânico, é excepcional e que as suposições não passam de misticismo.

O especialista explica que esta anomalia não é de nascimento e que a palmeira só bifurcou após uma certa altura. Além disso, como já morou no Caribe, país de onde a planta é originária, reforça que o acontecido é atípico e não é de conhecimento que outros coqueiros tenham bifurcado desta forma. Ele presume que o fato seja algo inédito no Brasil.

– Não é que plantaram duas sementes juntas, não é que começou a germinar e já veio bifurcada. Essa bifurcação aconte-

ceu em algum momento, provavelmente por algum traumatismo, ou machucado. É excepcional. É uma em cada um milhão – destaca.

Outro fato curioso é abordado no livro da jornalista Maria Cristina: como as palmeiras imperiais não estavam se desenvolvendo satisfatoriamente na cidade, Frédéric teria utilizado água do mar, trazida de São Francisco do Sul pelo vapor Babitonga, para nutrir a planta. No entanto, Castan diz que essas palmeiras não são originárias do litoral e acompanham cursos de água doce, por isso, não há nenhuma razão técnica para a utilização da água salgada: “Não traz nenhuma vantagem adicional à planta”, pontua.

A abertura da Rua Rio Branco, que corta a Rua das Palmeiras e se localiza em frente à antiga Maison Joinville, também carrega um acontecimento inusitado. Durante a pavimentação da via, segundo Elaine Cristina Machado, coordenadora do Museu de Imigração, foram utilizadas conchas dos sambaquis de Joinville. Segundo Elaine, os concheiros eram bastante utilizados para esta finalidade, porque ainda não tinha-se conhecimento da importância deste patrimônio cultural do país.



RICARDO DAVILA

Assista vídeos e outros conteúdos exclusivos no código abaixo



Detalhe da palmeira bifurcada, um dos “principais atrativos” da Rua das Palmeiras, em Joinville

Fatos e personagens

Em 1973, Juarez Machado, renomado artista plástico joinvilense, foi autor do projeto de paisagismo que reformulou a rua, onde o acesso de veículos passou a ser restrito por um boulevard no centro da via.

Antes caminho privado e depois transformada em logradouro público, a Alameda Brüstlein, Palmenallee ou simplesmente Rua das Palmeiras, recebeu diferentes adaptações ao longo do tempo. Além do fluxo diário intenso de pedestres e veículos, o local serviu de palco para eventos e manifestações culturais, como a Semana da Consciência Negra, a Rua do Lazer e as Feiras de Arte e Artesanato nas décadas de 1970 e 1980, e entre 2014 e 2019 a Feira do Príncipe e o Festival do Museu Nacional de Imigração e Colonização, como lembra o historiador Dilney Cunha.

Antes, serviu como espaço para acampamento das tropas federalistas revoltosas que passaram pela cidade, em 1893, e para desfiles, como o de marinheiros alemães na década de 1920. Além de fatos importantes, personagens que fazem parte da história da cidade também têm certa ligação com a rua.

Adolph Haltenhoff, por exemplo, reconhecido como primeiro prefeito de Joinville, entre outros cargos, era empresário dono de uma olaria e doou, em 1866, os tijolos e telhas para a construção do casarão. Já no início do século 20, por volta de 1923, o garoto Albano Schulz, que ainda nem sonhava em ser médico, foi destaque na escola e como prêmio, foi escolhido para replantar uma das palmeiras que havia morrido.

Em 1973, Juarez Machado, renomado artista plástico joinvilense, foi autor do projeto de paisagismo que reformulou a rua, onde o acesso de veículos passou a ser restrito por um boulevard no centro da via.

O historiador reforça que, de maneira geral, desde nomes importantes a personagens anônimos da cidade, todo joinvilense tem uma relação com a Rua das Palmeiras. Seja porque contribuíram e acompanharam suas mudanças, atravessaram a via ou simplesmente foram desfrutá-la em momentos de lazer.

– Ela é uma paisagem icônica que é levada para fora da cidade como marca. Além de ser um espaço de circulação e de eventos que ocorrem ali, integra muito bem a paisagem urbana. Você reconhece Joinville quando vê a Rua das Palmeiras – exalta.

Com o alargamento da Rua do Príncipe e abertura da Rua Rio Branco, ainda no século 19, a ideia de jardim dos príncipes foi desvinculada e a Maison Joinville já não fazia mais parte do dito quintal da família real. Com isso, em 1939 o imóvel é tombado e passa a compor o conjunto paisagístico tombado na região central da cidade.

Mudanças ao longo do tempo

O estilo de palmeiras enfileiradas, segundo o paisagista Jordi Castan, não deixa de ser uma herança europeia, mas a rua foi constituída dessa maneira, assim como no Jardim Botânico do Rio, a fim de emoldurar e criar um eixo de perspectiva que direciona a um ponto focal. No caso de Joinville: ao Museu Nacional da Imigração, antigo palacete dos príncipes.

Com o crescimento populacional, e o alargamento das ruas do Príncipe e Rio Branco, na década de 1880, quatro palmeiras precisaram ser sacrificadas – duas de cada extremidade da alameda. Com a vida estimada em cerca de 150 anos, algumas das palmeiras originais plantadas por Frédéric Brüstlein morreram e o primeiro replantio aconteceu no início do século 20.

Por cerca de 90 anos, como aborda Maria Cristina no livro Ruas de Joinville, a via foi caminho de charretes e carros a motor e ganhou ainda mais força como ponto turístico. Em 1973, a então Alameda Brüstlein sofreu sua primeira intervenção de maior impacto, quando foi fechada para o trânsito de veículos, ajardinada e transformada em “boulevard”.

A outra foi em 2012, quando a gestão municipal executou um projeto de requalificação, abrindo novamente um caminho central levemente sinuoso para circulação de pedestres. Nesta ocasião, foram também feitos trabalhos arqueológicos no local, durante os quais se encontram vestígios da ocupação daquele espaço, que remontam ao início da colonização da cidade, menciona Dilney Cunha.

Nos dias atuais, o plano do governo municipal é de investir em uma nova iluminação – tanto ao longo da rua quanto nas palmeiras – e mais segurança para quem circula pelo trecho, com postes anti-choques e estrutura anti-furtos para fios de cobre. A execução deste projeto deve começar em março. Além do embelezamento, o plano anual é investir ainda mais na saúde e vigor das plantas que cercam o espaço. Em maio do ano passado, a prefeitura removeu seis palmeiras da rua, já que cinco estavam mortas e uma com tronco danificado. A reposição deve ocorrer nos próximos dias.

– A maioria do povo joinvilense nasceu com a Rua das Palmeiras já formada, então ela tem essa característica de ser um espaço de orgulho. É por isso que temos o dever de manter ela bem cuidada. Ela é um oásis ao centro: tem pássaros cantando e, mesmo num dia quente, não é tão quente embaixo (das palmeiras). Um espaço especial de Joinville e do joinvilense – pontua Guilherme Gassenferth, secretário municipal de Cultura e Turismo.



1 Registro histórico da Alameda Brüstlein, a Rua das Palmeiras, em Joinville

2 Foto da passagem do Graf Zeppelin LZ 127, em 1º de julho de 1934

3 Em Blumenau, a Alameda Duque de Caxias é conhecida como “Rua das Palmeiras” e um dos principais pontos do Centro Histórico



Rua das Palmeiras de Blumenau

Tal como em Joinville, a Alameda Duque de Caxias, popular Rua das Palmeiras de Blumenau, é um espaço destinado a memórias. Sueli Petry, diretora do Patrimônio Histórico Museológico da cidade, narra que, ao traçar esta via para compor o cenário da porta de entrada do Stadtplatz, o fundador, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, se inspirou nos moldes das grandes metrópoles europeias do século XIX.

Enquanto que na Europa árvores ornamentavam as alamedas, cita, em Blumenau, as palmeiras Jerivá, muito comuns e abundantes no litoral catarinense e baixadas da Serra Geral, foram utilizadas para embelezar a principal avenida da época.

A historiadora diz que registros mostram que a monumentalização da então chamada “Palmanalle” começou a partir de 1876, com a ornamentação de 100 unidades da palmeira identificada, pelo botânico João Geraldo Kuhlmann, como sendo da espécie “*Arecastrum Romanzoffianum*”. – Em determinado período do ano, esta espécie frutificava “coquinhos”, apreciados pelos nativos que viviam na região no tempo da colonização – destaca.

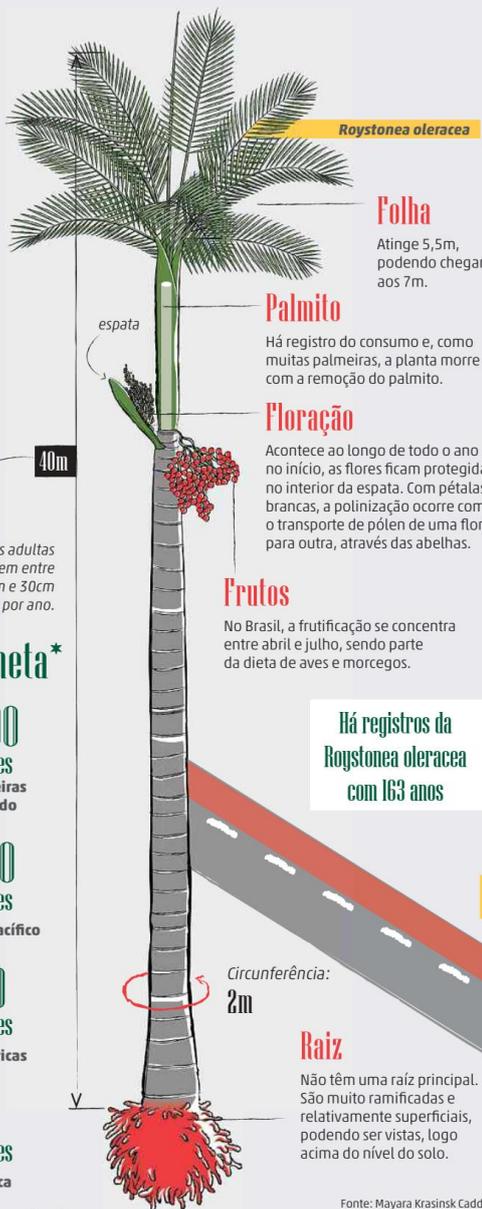
Localizada no Centro, Sueli afirma que a rua presenciou o “vai e vem” de imigrantes, o percurso diário de personagens como Hermann Blumenau, que tinha casa nesta avenida, do Pastor Osvaldo Hesse, de Fritz Muller, de Rose Gaertner, Bertha Blumenau e os filhos, além de tantas outras figuras que, mesmo no anonimato, contribuíram para a manutenção da história.

Do nascimento de empreendimentos tradicionais, como a Banca Miro, sucesso nos anos 50, ao Hotel Brasil e, posteriormente, a Casa Comercial Carlos Kofke, o caminho das palmeiras também serviu como ponto final de ônibus, abrigou às suas margens o Estádio Aderbal Ramos da Silva, e guardou, por mais de 30 anos, a estátua de bronze de Dr. Blumenau. Em 1999, a escultura foi levada para o Mausoléu Dr. Blumenau, junto dos restos mortais do fundador.

Para além de passeio público e de transportes de uso particular ou coletivo, a rua não é formada apenas por acontecimentos positivos. O local foi e continua sendo “atormentado periodicamente pelas águas do Rio Itajaí-Açu quando ocorrem as cheias”. Citando as intervenções mais recentes, em 2007, o Sindicato da Indústria da Construção de Blumenau presenteou a cidade com o monolítico intitulado “Marco Inicial de Blumenau”. Com este projeto, o espaço foi revitalizado com a iluminação das palmeiras, colocação de bancos e a instalação do monumento.

>>> SEGUE >>>

A RUA DAS PALMEIRAS DE JOINVILLE



Roystonea oleracea

Folha
Atinge 5,5m, podendo chegar aos 7m.

Palmito
Há registro do consumo e, como muitas palmeiras, a planta morre com a remoção do palmito.

Floração
Acontece ao longo de todo o ano e, no início, as flores ficam protegidas no interior da espata. Com pétalas brancas, a polinização ocorre com o transporte de pólen de uma flor para outra, através das abelhas.

Frutos
No Brasil, a frutificação se concentra entre abril e julho, sendo parte da dieta de aves e morcegos.

Há registros da *Roystonea oleracea* com 163 anos

Circunferência: 2m

Raiz
Não têm uma raiz principal. São muito ramificadas e relativamente superficiais, podendo ser vistas, logo acima do nível do solo.

Fonte: Mayara Krasinsk Caddah, docente do Depto. de Botânica da UFSC

No planeta*

2.500 espécies de palmeiras no mundo

1.600 espécies na Ásia e Pacífico

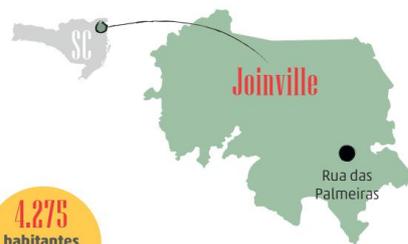
730 espécies nas Américas

65 espécies na África

(* números aproximados.)

O terreno onde hoje está a Rua das Palmeiras pertencia a François Ferdinand e a esposa Francisca Carolina, príncipe e princesa de Joinville, e foi demarcado em 1851 com o início da colonização européia na região. As sementes da palmeira *Roystonea Oleracea* chegaram em junho de 1867, quando foram cultivadas. Ao atingirem pouco mais de um metro, foram replantadas 56 mudas na alameda, entre 1871 e 1873.

Infografia: Ben Ami Scopinho ben.scopinho@nsc.com.br



70.000 habitantes

Revitalização
Em 1961 foram removidas as diversas palmeiras que estavam misturadas às Imperiais, além de coletarem novas mudas pela vizinhança.

4.275 habitantes em outubro de 1865

Menos palmeiras
No século XIX removeram duas palmeiras para o alargamento da Rua do Príncipe, deixando a alameda mais curta e se desvinculando do conceito de jardim.

Sem jardim
Desde a ampliação, a rua das Palmeiras foi utilizada para o tráfego por quase 90 anos.

Adição
Na década de 1910, os meio-fios foram instalados.

alargamento da rua

alargamento da rua

O caminho
Inicialmente foi chamado de Alameda das Palmeiras, depois Alameda Brüstlein e ainda Rua das Palmeiras.

Maiores

Algumas espécies de palmeiras são famosas por manter recordes biológicos:

25 metros

é o comprimento da folha da *Raphia regalis*

24 milhões

de flores são produzidas pela *Corypha umbraculifera*, de 8 metros

25 quilos

é o peso do fruto da *Lodoicea maldivica*

550.000 habitantes

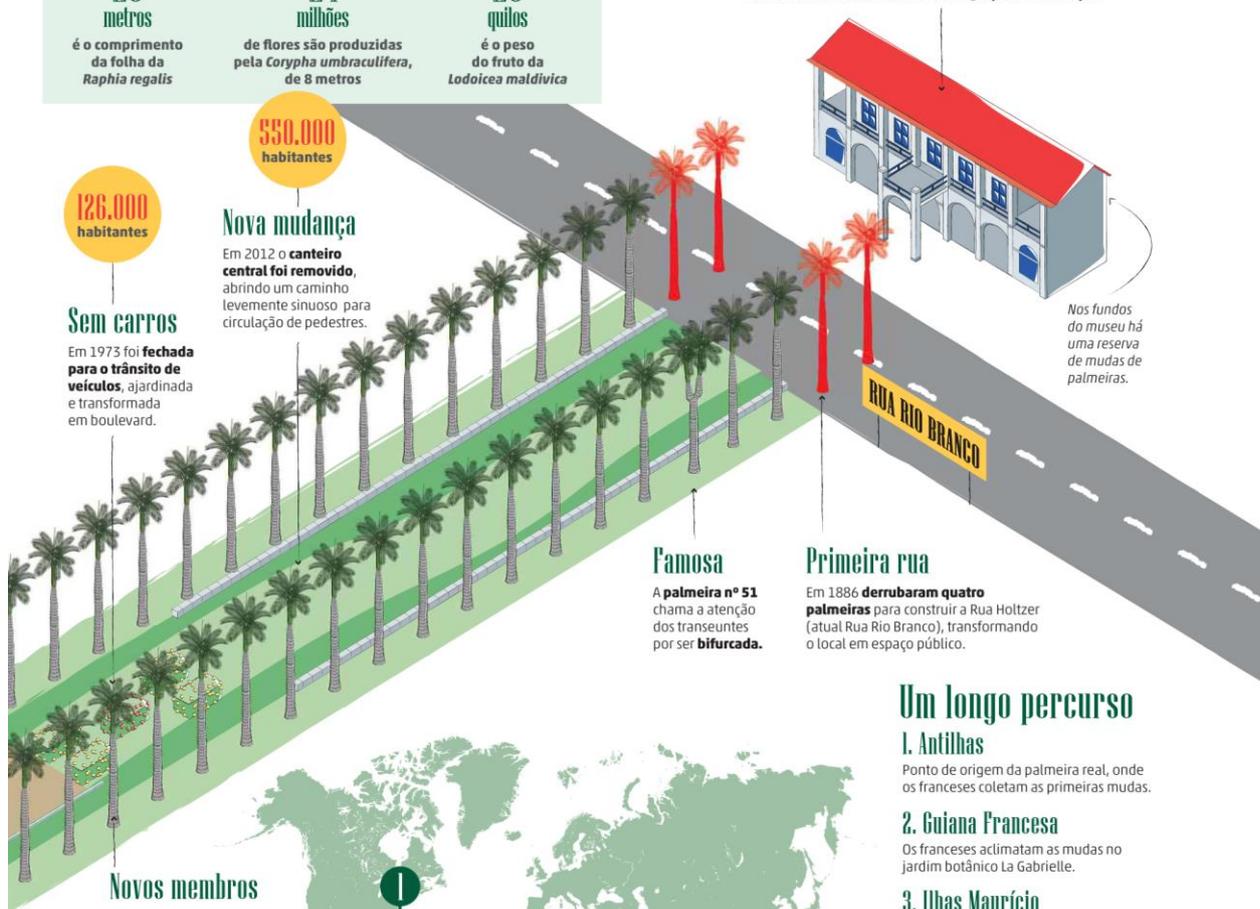
Nova mudança

Em 2012 o **canteiro central foi removido**, abrindo um caminho levemente sinuoso para circulação de pedestres.

126.000 habitantes

Sem carros

Em 1973 foi **fechada para o trânsito de veículos**, ajardinada e transformada em boulevard.



Palácio dos Príncipes

Em 1867, o engenheiro francês Frédéric Brüstlein, administrador das terras do príncipe e da princesa de Joinville, mandou construir uma **mansão para servir como seu escritório e moradia**. Com 850m², foi concluída em 1870. Em 1957 foi tombada e convertida no Museu Nacional da Imigração e Colonização.

Nos fundos do museu há uma reserva de mudas de palmeiras.

Famosa

A **palmeira nº 51** chama a atenção dos transeuntes por ser **bifurcada**.

Primeira rua

Em 1886 **derrubaram quatro palmeiras** para construir a Rua Holtzer (atual Rua Rio Branco), transformando o local em espaço público.

Um longo percurso

1. Antilhas

Ponto de origem da palmeira real, onde os franceses coletam as primeiras mudas.

2. Guiana Francesa

Os franceses aclimatam as mudas no jardim botânico La Gabrielle.

3. Ilhas Maurício

Transferência das plantas para o Jardim de Pamplemousse.

4. Rio de Janeiro

Em 1809, D. João VI planta a primeira muda no Jardim Imperial, que floresceu após duas décadas.

5. Santa Catarina

Em 1867, as sementes da palmeira do Jardim Imperial chegam à Joinville.

Fonte: Dilney Cunha, historiador; livro Ruas de Joinville, de Maria Cristina Dias

Novos membros

Entre 1967 e 1971 foram replantadas 10 palmeiras.

As tropas federalistas revoltosas que passaram pela colônia em 1893 montaram acampamento na alameda.

AN Revista (11.03 – 17.03.2023)

Comunicação

“NSC TV lança nova edição do prêmio Joinville faz bem e estreia novo cenário”
NSC TV lança nova edição do prêmio Joinville faz bem e estreia novo cenário /
Prêmio Joinville Faz Bem 2023 / Inovação / Meninas na Tecnologia / UFSC

NSC TV LANÇA NOVA EDIÇÃO DO PRÊMIO JOINVILLE FAZ BEM E ESTREIA NOVO CENÁRIO

Novidades foram anunciadas no dia do aniversário de 172 anos da maior cidade de Santa Catarina



Para marcar os 172 anos de Joinville, a NSC preparou uma série de conteúdos que destacam e valorizam as tradições, histórias e pessoas que ajudaram a fortalecer a maior cidade do Estado. Na última quinta-feira, dia 9, dia do aniversário, o Jornal do Almoço anunciou os finalistas e abriu a votação do “Prêmio Joinville Faz Bem” e também estreou um novo cenário para a região Norte.

Em um território repleto de belezas naturais, com uma forte indústria e reconhecida como a Capital Nacional da Dança, Joinville foi presenteada com uma edição especial do Jornal do Almoço da NSC TV. Apresentado por Rafael Custódio, o telejornal promove mais uma edição do “Prêmio Joinville Faz Bem”, que reconhece pessoas, entidades e iniciativas que se destacam na cidade.

O prêmio conta com sete categorias e o público poderá escolher os vencedores em votação pelo G1 Santa Catarina até o dia 26 de abril. Nesta edição, o Joinville Faz Bem entregará a Medalha Juarez Machado ao Instituto Festival de Dança em comemoração aos 40 anos do festival. A entrega das premiações ocorrerá no fim de abril, em Joinville.

Como um marco de aniversário, a NSC TV de Joinville começa a transmitir o Jornal do Almoço direto do novo estúdio, que está ainda mais moderno, dinâmico e tecnológico. O investimento está diretamente ligado ao DNA da maior empresa de comunicação de Santa Catarina, de levar aos catarinenses o melhor conteúdo, sempre pautado pela ética e imparcialidade, e acompanhando as tendências mundiais de design e marca.

– O estúdio é lindo, moderno, mostra que a NSC está sempre em movimento. Ele vai aumentar todo o nosso potencial para receber convidados e apresentar as notícias de forma diferente. Mas, acima de qualquer coisa, estarão sempre os nossos compromissos: o de ser essencial no dia a dia de cada um, o de seguir sempre fazendo jornalismo profissional, com muito serviço e relevância para Joinville e os joinvilenses – afirma César Seabra, diretor de Conteúdo da NSC.

Ainda mais, o JA estreia duas séries que ressaltam a cidade. Em “Nomes de Joinville”, a equipe de jornalismo traça o perfil das pessoas que dão nome às ruas em oito episódios. Em reportagens semanais, o “Joinville Faz Bem” traz roteiro e dicas para as pessoas conhecerem e viverem a cidade.

– A estreia do novo cenário do Jornal do Almoço é também um presente para Joinville, no dia em que a cidade comemora 172 anos de fundação. Essa é uma data muito importante para todos os joinvilenses e, este ano, além de toda a cobertura especial do aniversário, teremos essa grande novidade para mostrar aos nossos telespectadores – ressalta Rafael Custódio, apresentador do Jornal do Almoço Joinville e coordenador de telegenialismo da emissora.

INVESTIMENTO TECNOLÓGICO

O novo estúdio da NSC TV Joinville acompanha a linguagem adotada por Florianópolis, que segue o formato dos telejornais da TV Globo. Tecnológico, amplo e moderno, o espaço de 80 metros quadrados ficou pronto em aproximadamente 60 dias, em um projeto que envolveu de maneira integrada diversas áreas da emissora.

Além da cenografia e luzes de led, foram também instalados três novos monitores de última geração, que serão aliados da informação e darão maior dinamismo para o apresentador do Jornal do Almoço.

– A NSC reforça seu compromisso com a maior cidade do Estado, ampliando sua atuação e investindo em melhorias constantes para levar o melhor conteúdo aos joinvilenses. É um agradecimento ao público, que garante a liderança absoluta de audiência da NSC TV na região Norte – afirma Daniella Peretti, gerente-geral de telegenialismo da NSC.

Nas plataformas impressa e digital da NSC, as homenagens começaram na última semana, com o projeto Joinville Que Queremos, que celebra também os 100 anos do jornal A Notícia.



O novo estúdio da NSC TV Joinville acompanha a linguagem adotada por Florianópolis, que segue o formato dos telejornais da TV Globo

OS FINALISTAS

Veja a lista de indicados ao prêmio Joinville Faz Bem 2023:

• Joinvilense do ano

Flávio Nunes – Pela criação do Projeto Bombeiro Mirim
Heloisa de Oliveira – Pelos 20 Anos de trabalho voluntário na direção da Apae Padre Dúlcio De Araújo – Pelas ações para combater a fome em comunidades da Zona Sul de Joinville

• Cultura

Passinho 80
Programa Dançando na Escola – Escola Municipal Pedro Ivo Campos
Coral da Sociedade Cultural Lírica

• Projeto social

Missão Morro Do Meio
Instituto Priscila Zanetti
Associação Um polvo de amor

• Meio Ambiente

Projeto Tampinhas Plásticas – ONG Patinhas Carentes
Projeto Eco Plácido – Escola Municipal Plácido Xavier Vieira
Projeto Retalhos do Bem – Sesi

• Inovação

Projeto Hand'on: Da exclusão à inclusão – Senai
Projeto Robocicla – Escola Municipal Laura de Andrade
Meninas na Tecnologia – UFSC

• Educação

Ajidevi: Ensino em braile
Projeto O seu olhar melhora o meu – Escola Municipal Monsenhor Sebastião Scarzello
Projeto Guarda-Chuville – Escola Municipal Aluizius Sehnem

• Esporte

Associação Paralímpica de Joinville
Projeto Pernas Solidárias
Instituto Adria Santos

*Acesse g1.globo/sc e vote

“É preciso mexer na infraestrutura para maximizar um conteúdo de qualidade”
“É preciso mexer na infraestrutura para maximizar um conteúdo de qualidade” /
Internet / Algoritmo / Ecosistemas de desinformação / Grupo de Trabalho do
Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania de combate ao discurso de ódio
e ao extremismo / Desinformação / Letícia Cesarino / Universidade Federal de
Santa Catarina / UFSC

LETÍCIA CESARINO antropóloga e professora da UFSC

“É PRECISO MEXER NA INFRAESTRUTURA PARA **MAXIMIZAR** **UM CONTEÚDO DE QUALIDADE**”

*Única representante de SC em grupo que combate discurso de ódio defende
regulação da internet e diz que a infraestrutura privilegia a desinformação*

PAULO BATISTELLA
paulo.batistella@nsc.com.br

Antropóloga Letícia Cesarino, pesquisadora e professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), afirma que a internet nos moldes atuais tem submetido os usuários a mundos distintos, em que sequer os fatos são compartilhados. A infraestrutura da rede tem privilegiado a desinformação, ecoando em episódios de extremismo, como os ataques a Brasília em 8 de janeiro.

Para restabelecer um mundo compartilhado – com opiniões distintas, mas ao menos baseadas em fatos semelhantes – e desinflamar diferenças da vida off-line, elpropõe medidas de regulação da internet, o que deve apresentar ao recém-criado grupo de trabalho do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania de combate ao discurso de ódio e ao extremismo.

Confira detalhes na entrevista a seguir:

Como foi o convite para a senhora integrar o grupo de trabalho do Ministério dos Direitos Humanos?

Eu já estava participando de um grupo da AGU, que teve um outro processo, que é mais da seara judicial. No caso do Ministério de Direitos Humanos, que é um outro GT (grupo de trabalho), foi um convite direto do ministro (Sílvio Almeida), que é alguém que conheço, com quem já tenho uma interlocução acadêmica. A gente já vinha conversando há mais tempo sobre essa questão do impacto da internet na política, na pandemia, e, mais para frente, na questão eleitoral. Foi um convite mais direto, enquanto o da AGU foi mais institucional.

Que tipo de estratégias e políticas públicas a senhora pretende propor?

A gente ainda não se reuniu, então não sei exatamente qual vai ser o direcionamento dado pela coordenadora do GT

(Manuela d'Ávila). Mas, em todos os casos, o que pretendo trazer é essa abordagem do caráter infraestrutural, mais sistêmico, tanto da questão da desinformação quanto da questão do discurso de ódio e do extremismo. Ou seja, como que o próprio modo de operação algorítmica e o ambiente digital levam, sutilmente, muitos usuários a agirem de tal forma que não agiriam, por exemplo, no ambiente off-line. São determinações de uma ordem mais técnica, mais material em relação à própria mídia, do que determinações sociais, que são da especialidade de outros colegas desse GT. A minha contribuição na área de antropologia digital seria essa, em dar visibilidade aos determinantes técnicos do fenômeno.

Como a desinformação se relaciona com o extremismo e o discurso de ódio?

Desse ponto de vista que adoto, nem toda a desinformação é nociva no sentido de estar causando um dano físico ou psicológico. Porém, um ambiente de desinformação generalizada aumenta a probabilidade de que eventos na linha mais extremista aconteçam, porque ela leva a uma quebra de confiança generalizada na sociedade. Não que no mundo pré-digital isso funcionasse de forma perfeita, mas existia um sistema de mídia organizado em torno de alguns mediadores, como os grandes canais de televisão e jornais, enquanto essas posições mais extremas, como teorias da conspiração, mentiras e visões inventadas sobre eventos, ficavam na periferia do sistema.

Essa internet que a gente tem hoje faz com que processos mais periféricos e fragmentados venham caminhando para o centro do sistema e se conectando entre si, tanto no caso de extremismos como de teorias da conspiração e de violência política. E, além de tudo, ela oferece formas de monetizar isso. Claro que tudo isso já existia, mas esse ambiente das plataformas digitais gera vieses favoráveis à desinformação no senti-



Eu proponho, com a regulação, que se encontrem meios de reconstruir esse mundo compartilhado (opiniões diferentes sobre o mesmo fato), porque não existe democracia sem ele.

do mais geral e à violência e ao extremismo em um sentido mais específico.

Então, por exemplo, nos eventos ali do 8 de janeiro, em Brasília, a maioria daquelas pessoas não pode ser classificada como extremista em um sentido estrito. Muitas das que entraram ali ou foram até a Praça dos Três Poderes não tinham essa intenção anterior de invadir e de quebrar, mas acabaram entrando, digamos assim, por aquele comportamento de manada.

No seu livro “O mundo do avesso”, a senhora coloca fenômenos que aparentemente são distintos, como a radicalização política, o conspiracionismo e o receio com vacinas, como favorecidos por um mesmo ambiente digital. Chama atenção a participação de um epidemiologista no grupo de trabalho do Ministério dos Direitos Humanos, que é o Pedro Hallal. A senhora acha que essa discussão faz total sentido, em ver extremismos não só dentro do campo político e eleitoral?

Sim, totalmente. Inclusive, nesse projeto de pesquisa que tenho com a Universidade Federal da Bahia para monitorar o Telegram, a gente vê claramente isso. A pandemia já passou tem um bom tempo, mas, mesmo com a substituição da pauta, que deixou de ser pandemia para ser eleição, esses grupos ligados a empreendedores de medicina alternativa, daquilo que ficou da



O próprio modo de operação algorítmica e o ambiente digital levam, sutilmente, muitos usuários a agirem de tal forma que não agiriam, por exemplo, no ambiente off-line.



Professora da UFSC é referência em pesquisa de ecossistemas de desinformação

pandemia, continuam até hoje. Embora parte desses grupos, usuários e influenciadores não tenham um discurso político explícito, de direita, computacionalmente, quando a gente vê a ecologia de conexão entre esses vários segmentos, os da área de saúde alternativa estão fortemente ligados a esses segmentos políticos mais explícitos.

Então, se as pessoas que estão nesses públicos já têm uma predisposição conspiratória, de que não acreditam no que a mídia diz, no que o sistema fala, elas já estão predispostas a passar de uma narrativa para outra, de uma narrativa conspiratória antivacina, por exemplo, para uma anti-TSE, porque estruturalmente é a mesma predisposição. E quando falo estruturalmente, é tanto no sentido da estrutura de rede, da conexão ecológica entre esses segmentos na internet, quando da própria predisposição cognitiva e afetiva dos indivíduos que não confiam mais no sistema, digamos assim.

A literatura é bastante consensual com relação a isso: quando você adota uma perspectiva conspiratória sobre um tema, a probabilidade de você passar de uma para outra é enorme. Tanto é que se usa essa metáfora da Alice no País das Maravilhas, a ideia do buraco da toca de coelho: quando entra em um, você vai se conectando com outros, porque é uma mesma predisposição cognitiva. Ai você junta com isso os algoritmos, que já constroem esse caminho para o usuário. Então, faz muito sentido ter pessoas de outras áreas, não só da área de direitos humanos ou de violência política.

Também no seu livro, a senhora fala sobre propor uma perspectiva mais adequada para analisar todos esses fenômenos. Qual perspectiva é essa?

A ideia do livro é visibilizar um pouco mais para as pessoas essa atenção a alguns tipos de agência e causalidade que o senso comum costuma ignorar. Um deles é a causalidade não humana, que é a agência al-

goritmica. Ela fica atrás da tela, é feita para ser escondida, porque se ela é explícita, a influência não funciona. As plataformas são feitas para deixar o usuário comum no estado de influenciabilidade para clicar nos anúncios. Isso não tem nada a ver com política originalmente, mas, na medida em que essa tecnologia começa a circular na sociedade, ela vai sendo usada para outros fins.

Um outro nível de agência que acho importante também visibilizar é o dos influenciadores camuflados, que é algo que a gente vê muito em aplicativos de mensagens. Em rede social, geralmente, o influenciador é explícito, porque ele tem um canal, está monetizando, tem uma marca. No Telegram, e a gente acredita que pode ser o caso do WhatsApp também, o método computacional, que mede atividade dos diferentes usuários, mostra claramente que existe um teto de 20% de usuários que têm um nível de atividade muito maior do que os outros, mas que não se colocam explicitamente como influenciadores. São agentes que estão ali tentando conduzir os grupos e as pessoas em uma certa direção, mas sem se colocar como agentes de um comportamento mais orquestrado.

E um terceiro elemento que eu colocaria é a questão do nível de causalidade que é pós-individual, que é algo trabalhado nas ciências sociais, mas com face mais palpável na internet: são os chamados efeitos de rede, ou seja, os efeitos não intencionais das pessoas que se acumulam e vão produzindo bolas de neve de desinformação e de segregação da esfera pública de forma extrema.

É normal as pessoas pensarem diferente, sempre foi assim, mas a ideia da democracia é que as pessoas pensem diferente em um mesmo mundo compartilhado, que tenham opiniões diferentes sobre o mesmo fato, mas que pelo menos compartilhem o fato. Só que a internet vai segregando tanto que, em alguns casos, acaba bifurcando. Então a ideia do título do livro é um pouco

essa: “O mundo do avesso” seria uma forma extrema de bifurcação social em que as pessoas não vivem no mesmo mundo.

Literalmente, elas recebem mundos completamente diferentes pela internet e também invertidos, porque o inimigo que não é igual a mim se torna a forma mais extrema da bifurcação social. Vira uma lógica da guerra, sem diálogo e sem reconhecimento possível. A única relação possível com esse outro é eliminar ele, porque você vê ele como alguém que quer lhe eliminar. Eu proponho, com a regulação, que se encontrem meios de reconstruir esse mundo compartilhado, porque não existe democracia sem ele.

A regulação de aplicativos pode coibir essas manifestações de ódio e de extremismo? E que regulação seria essa?

Podem. As frentes principais, a meu ver, não estão em agir no usuário comum, porque ele é seguidor, não tem uma autonomia. Ele é e pensa aquilo que recebe no ambiente em que está, e quem está entregando esse ambiente? O algoritmo. Eu, por exemplo, proponho que haja um regime especial para a época eleitoral, igual tem na televisão e no rádio, um regime que incida sobre o potencial de viralização de conteúdos.

Além da infraestrutura, sobre a qual já é mais difícil de atuar, porque essas empresas sequer estão sediadas no Brasil, tem o nível também dos intermediários, que são os influenciadores que segmentam a rede. Isso já está avançado, mas tem que haver cuidado para não se cair em contradição, porque, se você começa a regular demais pelo conteúdo, uma hora você vai ter que estar decidindo o que é verdade e o que não é. E não é exatamente isso o que a gente quer, essa não é a regulação ideal.

O ideal é que você incida, por exemplo, nos mecanismos de monetização de qualquer conteúdo sensacionalista, independentemente de ser de direita ou de esquerda. É um pouco a tendência que já existe na Europa, sobre não precisar ter uma lei nova, mas tentar coibir comportamentos que firam leis que já existem, como difamação, violência, racismo e leis eleitorais.

Na época das eleições, influenciadores de podcast falaram que uma eventual regulação da mídia cortaria canais do YouTube e que certos temas não poderiam ser tratados. A senhora disse que regulação não deveria incidir exatamente sobre o conteúdo...

Pelo menos não é o foco da regulação. É claro que tem certas linhas ali, casos de saúde pública ou de fraude nas urnas, por exemplo, que precisam ser limitadas, mas são poucos conteúdos. A maioria deles podem ter circulação, mas é preciso mexer na infraestrutura para maximizar um conteúdo de qualidade.

*A colunista Dagmara Spautz está em férias e volta a escrever neste espaço na edição de 1º de abril de 2023.

Notícias do Dia

Especial

“População pode destinar parte do Imposto de Renda para projetos sociais”
População pode destinar parte do Imposto de Renda para projetos sociais /
Declaração de Imposto de Renda Pessoa Física / Receita Federal / Daniel
Vasconcelos / Professor de Economia / UFSC / Universidade Federal de Santa
Catarina

População pode destinar parte do Imposto de Renda para projetos sociais

Campanha organizada pela associação FloripAmanhã arrecadou R\$ 2,3 milhões no ano passado, que foram destinados a fundos que apoiam crianças, adolescentes e idosos de Florianópolis

Começa na próxima quarta-feira o período para o envio da Declaração de Imposto de Renda Pessoa Física à Receita Federal. Pelo terceiro ano consecutivo, a FloripAmanhã promove uma campanha, junto à Prefeitura de Florianópolis, entidades empresariais, sociais e de contabilidade, para incentivar as pessoas a destinarem parte do seu Imposto de Renda a projetos sociais locais, que apoiam crianças e idosos.

O resultado do último ano foi quase o dobro de 2020, quando a campanha começou. O FIA (Fundo da Adolescência) e o FI (Fundo do Idoso) receberam, juntos, R\$ 2,3 milhões do Imposto de Renda do ano passado, conforme levantamento do Sindifisco Nacional/Delegacia Sindical de Florianópolis, que reúne os auditores fiscais da Receita Federal. Houve um incremento de R\$ 629.651,61 em comparação com o que foi destinado para ações sociais no ano anterior e mais de R\$ 1 milhão em comparação ao primeiro ano.

CAMPANHA

Mas esses valores ainda podem melhorar muito se as pessoas aderirem à campanha. “Estamos contentes que a cada ano que passa conseguimos incentivar mais pessoas a destinarem seu IR para fundos locais, mas ainda podemos melhorar muito, visto que o potencial de destinação em 2022 era de R\$ 84.167.542 e só arrecadamos R\$ 2.302.806,61. Se o dinheiro vai para o governo federal, ele não volta mais, e dessa forma o dinheiro fica aqui na nossa cidade, ajudando em projetos que serão fundamentais na garantia dos direitos dos nossos idosos e crianças”, declara Salomão Mattos Sobrinho, vice-presidente do FloripAmanhã e coordenador da campanha.



COMO DESTINAR PARTE DO IMPOSTO DE RENDA A PROJETOS SOCIAIS

Os contribuintes podem destinar para doação, diretamente em sua declaração de Imposto de Renda, até 6% do imposto devido, sendo 3% ao Fundo da Infância e Adolescência e mais 3% ao Fundo do Idoso.

São aptos a fazer essa destinação os contribuintes que apuram seu IR utilizando as deduções legais (chamado de “modelo completo”). O contribuinte deverá, ao fazer sua declaração, verificar o valor passível de destinação, e preencher o campo próprio denominado “Doações Diretamente na Declaração”. Será necessário emitir um Darf para o recolhimento do valor a ser destinado.

Para imprimir os Darfs das doações, localize o menu “Imprimir” do lado esquerdo da tela do programa da Receita e selecione a opção conforme o tipo de doação feita: “Darf – Doações Diretamente na Declaração – ECA” e/ou “Darf – Doações Diretamente na Declaração – Idoso”. O Darf deve ser pago até a data-limite para entrega da declaração.

Salienta-se que o contribuinte que fizer a destinação de parte do seu imposto para os Fundos não pagará nada a mais, nem terá sua restituição diminuída. Ele apenas permitirá que parte do seu imposto devido seja destinada diretamente para um fundo que atue em projetos de transformação social. No entanto, o contribuinte, mesmo tendo imposto a restituir, precisará recolher, através de Darf, o valor correspondente à sua doação. O referido valor será acrescido à sua restituição, e devolvido corrigido pela Taxa Selic.

As receitas desses fundos são investidas a partir da deliberação dos conselhos estaduais e municipais correspondentes, com o apoio de órgãos encarregados do planejamento e finanças do município, seguindo as regras da lei 4.320/64. Os fundos de apoio ao idoso e às crianças são geridos pelas prefeituras, e atendem as instituições que inscreveram projetos para a utilização deste benefício. Em contrapartida, as entidades devem prestar contas sobre a utilização da verba pública.

Cronograma vai até 31 de maio

A declaração do Imposto de Renda deste ano, referente ao ano-fiscal de 2022, começa em 15 de março. A Receita Federal espera receber entre 38,5 milhões e 39,5 milhões de declarações no prazo estipulado, que vai até 31 de maio. Deve declarar o Imposto de Renda o cidadão residente no Brasil que recebeu rendimentos tributáveis acima de R\$ 28.559,70 no ano, ou cerca de R\$ 2.380 por mês, incluindo salários, aposenta-

dorias, pensões e aluguéis; que recebeu rendimento isento, não tributável ou tributado exclusivamente na fonte acima de R\$ 40 mil; e que obteve, em qualquer mês, ganho de capital na alienação de bens ou direitos sujeito à incidência do Imposto. Deve ainda declarar o IRPF em 2023 quem tinha, em 31 de dezembro, a posse ou a propriedade de bens ou direitos, inclusive terra nua, de valor total superior a R\$ 300 mil.

Cuidado para não cair na malha fina

Entender como a matemática é feita é um ponto importante para não cair na malha fina, evitando restrições. A quantia paga à Receita Federal pode variar de acordo com cada pessoa, mas o cálculo feito permanece para todos, mudando de acordo com a renda.

Por ser uma taxa paga anualmente, o governo leva em consideração os números do ano anterior, avaliando qual será a participação individual. Lembrando que o tributo é um percentual sobre os ganhos e, de acordo com o professor de economia da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Daniel Vasconcelos, a prática é tão velha quanto a existência humana.

“A cobrança de imposto é tão antiga quanto a civilização humana. Sempre que existiu civilização, algum tipo de tributo foi cobrado em algum sentido”, comenta o professor. Naquela época os pagamentos eram feitos de formas distintas, mas em muitos casos as trocas eram pelos mesmos itens: comida e território.

Cair na malha fina é um termo usado que pode sinalizar um erro no cálculo que foi feito, deixando de lado algum valor ou informação que pode alterar a arrecadação na hora de fazer a declaração do imposto de renda.

“Suponha que alguém erre no cálculo, então, quando ele fizer a declaração para a Receita Federal, eles identificam esse erro e, quando ela identifica, o erro vai exigir que a pessoa corrija”, expõe o especialista. Em 2022, mais de um milhão de declarações caíram na malha fina, representando 2,7% dos brasileiros, de acordo com a instituição. (Ana Caroline Arjonas).

Notícias do Dia

Laudelino José Sardá

“Floripa: vaidades e obstruções”

Floripa: vaidades e obstruções / Professor / Gama D’éça / UFSC

Floripa: vaidades e obstruções

Inacreditável, mas há muita gente com belas moradias e ainda incapaz de tirar os sapatos e pisar nas areias de praia em Floripa. Certa vez, tropecei numa calçada da Lagoa da Conceição, estatelando-me no chão. Um senhor descalço e de bermuda socorreu-me até o restaurante próximo, onde bebi água em um ótimo bate-papo. Empresário paulista, ele escolheu a Lagoa para fugir ao furor de cidade grande.

Lembrou de quando chegou a esta cidade. “Isolei-me com a família, quem sabe em busca de refúgio, mas desconhecia a vida nesta Ilha. Passados 10 meses, depois de só frequentar restaurantes caros e seguros, coloquei bermuda, tirei a camisa e saí descalço, encorajado a passear na Lagoa. Incrível! Tímido como sou, conversei com pescadores e encontrei até uma rendeira que prometeu me ensinar a render. Eu me redescobri aqui na Ilha. Cheguei em casa e abri um largo sorriso para a minha esposa que, assustada, me indagou: ‘Você encontrou alguma sereia?’ Fui objetivo: ‘Não, querida, encontrei a vida’”.

Ele acordou-se para a realidade. Já sorria para pessoas humildes, apertando-lhes as mãos, e sentia que Floripa o havia desarmado. Trocou o uísque por uma boa cachacinha, passou a jogar dominó e até sair de barco para pescar, mesmo não sabendo nadar. E até começou a escamar peixe. Mas não faltou a reação da esposa: “Querido, estás com febre?”

O empresário descobriu que a infelicidade deles não era São Paulo, mas o medo das relações sociais. A convivência com pessoas de sua classe o isolava cada vez mais, mergulhado na arrogância e vaidade. Mas logo se deparou com a realidade. Quem faz a diferença em uma cidade são os seus moradores.



Tímido como sou, conversei com pescadores e encontrei até uma rendeira que prometeu me ensinar a render. Eu me redescobri aqui na Ilha.”

ENQUANTO ISSO NA PRAIA DA CACHOEIRA...

- Ô Venanço, ontem a SC-401 ficou engarrafada até Canasvieiras.

- Pois é, acidente com morte breçou o trânsito por mais de 3 horas.

- Venanço, é muito tempo para remover vítima e liberar a passagem, né?

- Sim, Lelo, isso se chama de Floripa desregrada.

Lembro que o professor Gama D’éça, da UFSC, fez um plano ótimo no final dos anos 70, que acabou ignorado pelas autoridades.

- A prefeitura deveria resgatar esse plano, né Venanço?

- Não dá, Lelo, a cidade vive em função da ambição e lucros de pessoas e grupos. Uma cidade não pode se afastar do compromisso com a felicidade dos cidadãos.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

11/03/2023

[Depois de estudar na aldeia integrantes da tribo Guarani vão para a UFSC](#)

[DNIT inicia curso de educação para o trânsito voltado ao Ensino Médio](#)

[Entrevista: "Nossa prioridade sempre será a qualidade de ensino nas escolas", Aristides Cimadon](#)

[Estudantes da UFSC desenvolvem protótipo de carro autônomo](#)

[Jovem que viralizou com tinta no cabelo pede desculpas por chamar avó do namorado de "véia"](#)

[Vereadores homenageiam mulheres que se destacam em Jaraguá do Sul](#)

12/03/2023

[A força-tarefa de médicos-veterinários de SC para evitar a entrada da gripe aviária no país](#)

[Atacar obras de arte em defesa do planeta virou moda. Mas funciona?](#)

[Dilma reaparece para conduzir o Brasil para a sua maior vergonha internacional \(veja o vídeo\)](#)

[Escritoras negras querem livros para crianças negras nas livrarias e escolas em SC](#)

[Parque Estadual Rio Canoas promove Curso de Ecossistemas Tropicais](#)

[Profissionais da Biblioteca da Uncisal celebram a data e destacam a contribuição com a formação profissional](#)

[Red Pill: O que 'coaches' de masculinidade, como 'Calvo do Campari', têm a ver com machismo?](#)

[VIDEO: Ostras produzidas em Florianópolis são melhores que as da França](#)